Rolling Stone
rollingstone.com.br
BRASIL
SPRING

Coldplaymania: os fãs, entre o amor e o limite

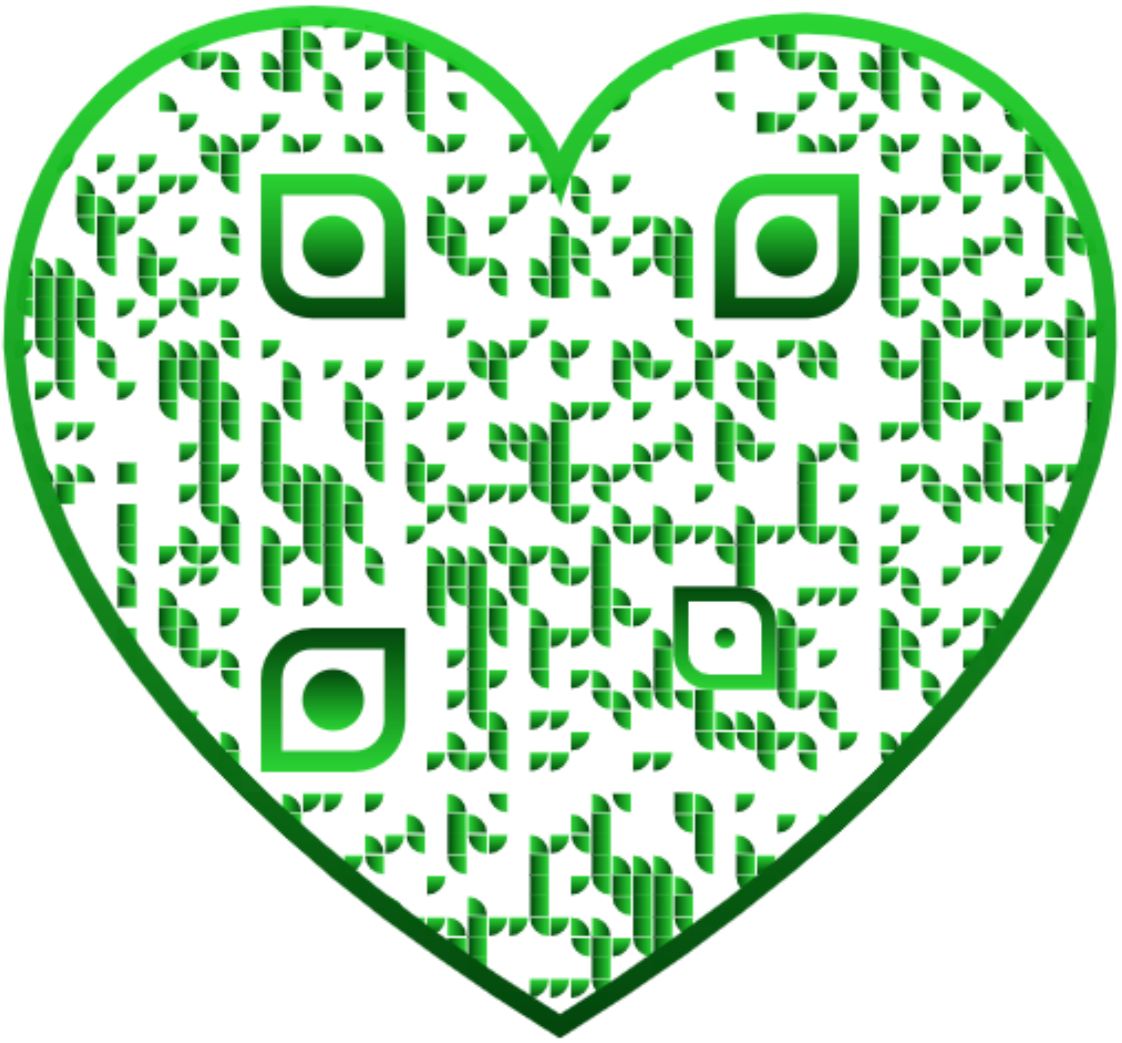
Um giro pelos 11 shows da turnê em detalhes

Track by track: o disco Music of the Spheres em detalhes

Arquivo RS: nosso papo com o Coldplay do passado

Coldplay no Brasil

BRASIL REVISTAS



CRÉDITO: RIS ALES/LIVE NATION BRASIL

BRASIL REVISTAS

editorial

Há um impulso quase irresistível em usar os versos de Chris Martin para falar do Coldplay. Nos quase 20 dias em que atravessou três capitais brasileiras, a turnê *Music of the Spheres* acabou emprestando um pouco de seu lirismo otimista às mais de 730 mil pessoas que conferiram de perto os 11 shows da banda britânica.

Chame de mágica, chame de realidade. Nós chamamos de fenômeno. Uma Coldplaymania que se estendeu pelo chuvoso mês de março de 2023, lotando estádios e atraindo burburinho por onde passavam. Chris Martin, Will Champion, Guy Berryman e Phil Harvey fizeram uma passagem histórica pelo Brasil, comprovando não somente a popularidade do grupo, mas o poder que o pop cantado em inglês ainda exerce em nosso público tão amante da música em português.

Nesta edição digital especial, a Rolling Stone Brasil se debruça sobre o quarteto britânico e sobre sua turnê no país. Detalhamos a estrutura do show, as participações especiais e os elementos usados na interação com o público - incluindo as famigeradas pulseiras de LED coloridas, controverso souvenir na mão de alguns. Listamos as faixas preferidas na setlist do show brasileiro e nos debruçamos sobre o álbum que dá nome à tour. Resgatamos reportagens históricas que explicam como o Coldplay evolui da melancolia dos anos 1990 a um farol de positividade colorida. E ouvimos vocês, os fãs, que enfrentaram chuva e fila para viver as "duas horas de sonho", como descrito por um apaixonado pela banda - uma jornada pelo sistema solar de Chris Martin para a *Music of the Spheres*, que retomamos nas páginas a seguir. Boa viagem!

Eduardo do Valle - EDITOR

CRÉDITO: CAROLINE HECKE/LIVE NATION BRASIL
CRÉDITO CAPA: EDUARDO MARTINS/AGNEWS

o grande retorno ao Brasil

POR **DIMITRIUS VLAHOS**

Mostrando que a América do Sul é parte importante da trajetória do Coldplay, a banda formada por Chris Martin, Guy Berryman, Jonny Buckland e Will Champion desembarcou no Brasil para uma série extensa e marcante de shows. Foram 11 no total, com a maior parte deles concentrada em São Paulo. As expectativas, que já eram grandes, ficaram maiores com o adiamento das datas iniciais, previstas para outubro de 2022. Após a recuperação de uma infecção pulmonar contraída pelo vocalista, o Coldplay cresceu ainda mais - em número de shows, ingressos vendidos e popularidade.

Desde 2011, quando encantaram o público carioca com o início da turnê *Mylo Xyloto*, o grupo dava indícios de que a relação com o Brasil se tornaria profunda. De lá para cá, vieram apresentações em estádios lotados, hits, discos de estúdio e a crescente preocupação com a sustentabilidade - que se fez presente mais uma vez na pirotécnica, mas consciente, *Music of the Spheres Tour*.

Nas páginas a seguir, reunimos os detalhes que fizeram dessa passagem do grupo pelo Brasil a mais memorável até então.

CAMILO MASCARENHAS/ROLLING STONE BRASIL

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: EDUARDO MARTINS/AGNEWS

antes da chuva, o balde de água fria

POR **FERNANDA DECARIS**

Foi após bater recorde de vendas de ingressos no Rock in Rio, que o Coldplay anunciou o primeiro show da turnê *Music Of The Spheres World Tour* no Brasil para outubro de 2022. Ingressos esgotados em minutos, a banda decide então anunciar datas extras: uma vez, duas vezes, até completar a agenda com oito apresentações em solo nacional. Quase bom demais para ser verdade - e era: após realizar uma das apresentações mais marcantes na Cidade do Rock em setembro, o grupo revelava que a (já extensa) turnê seria adiada.

"Com profundo pesar, fomos forçados a adiar nossos próximos shows no Rio de Janeiro e São Paulo para o início de 2023. Devido a uma grave infecção pulmonar, Chris foi colocado sob ordens médicas estritas para descansar pelas próximas três semanas," dizia a nota.

"A todos no Brasil que estavam ansiosos por esses shows, sentimos muito por qualquer desapontamento e inconveniência, e agradecemos sua compreensão neste momento desafiador em que precisamos priorizar a saúde de Chris."

Ao anúncio, fãs surpresos e tristes se somaram àqueles que levaram o momento com leveza. Alguns brincaram, relacionando a infecção pulmonar de Chris à chuva que lavou o palco e a alma dos presentes durante apresentação no Rock in Rio.

Talvez pela comoção pública pelo adiamento, talvez pelo sucesso absoluto de vendas no país, o fato é que a trupe de Chris Martin voltaria a fazer fãs sorrirem em meados de outubro. Após a redefinição da turnê para março de 2023, o grupo anunciaria novas datas no Rio e em São Paulo, além de um novo local: Curitiba seria a terceira cidade a receber a banda.

Novamente, fila, ingressos disputados e comoção: tanta comoção, aliás, que fãs chegaram a protestar deitando nas ruas da capital paranaense após não conseguirem ingressos para conferir o grupo. E mais uma vez, a resposta: uma segunda data em Curitiba, novamente esgotada rapidamente.

Em novembro, um último e inesperado anúncio abriria a agenda do Coldplay para um último show, dessa vez no Rio de Janeiro. Com um total de 11 apresentações no Brasil, o grupo venceria todas as expectativas. Um fenômeno que apenas cinco meses depois tomaria as três capitais de assalto.

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: EDUARDO MARTINS/AGNEWS

os shows no Brasil

POR **DIMITRIUS VLAHOS**

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: EDUARDO MARTINS/AGNEWS

Foram 11 shows do Coldplay no Brasil, sendo seis deles em São Paulo, para mais de 70 mil pessoas por show. A *Music of the Spheres Tour* assumiu a identidade de residência e superou turnês de gigantes da música, como U2, que lotou o mesmo estádio do Morumbi cinco vezes com a *Joshua Tree Tour* em 2017. Parte da resposta para entender a demanda por ingressos está nos próprios shows: Coldplay deixa a música de lado para focar em uma experiência visual e emotiva, com roteiro de fácil identificação.

Embora os maiores sucessos da banda estejam divididos entre os discos dos anos 2000 e início dos anos 2010, o álbum mais recente, que dá nome à turnê, domina a setlist - incluindo as faixas de abertura e encerramento. Com "Higher Power," um dos singles de *Music of the Spheres*, o vocalista Chris Martin consegue cativar o público, ainda surpreso com a quantidade de luzes e grandiosidade do palco.

O show segue com "Adventure of a Lifetime" até chegar em um dos pontos altos: a performance de "Paradise." Contando com o espetáculo luminoso das pulseiras de LED sincronizadas, o hit ganha vida e a plateia passa a se sentir parte do espetáculo ao ver o próprio pulso "brilhar no escuro."

ESPONTANEIDADE PROGRAMADA

A experiência milimetricamente calculada emula até momentos de autenticidade, que variam durante as noites. Próximos do público da pista comum, a banda tocou "Viva La Vida" e mais duas músicas. Em alguns dos shows no Brasil, o momento proporcionou a subida de um fã ao palco para participar de uma faixa de sua escolha - prática que acontece desde 2017. Na primeira data de 2023 em São Paulo, Chris Martin recebeu Anália para tocar "Let Somebody Go." Na apresentação seguinte, no dia 11 de março, "Gravity," um dos *b-sides* do single "Talk", foi a escolhida por outro fã.

Sem deixar de lado algumas das músicas mais queridas, como "Yellow" e "Clocks" - outro ponto alto do show, quando a iluminação voltada à banda se apaga e lasers

verdes tomam conta do estádio - o Coldplay fez variações pequenas na *setlist*, criando especificidades em cada um dos 11 shows. No dia 13 de março, por exemplo, "A Head Full of Dreams" foi tocada ao vivo pela primeira vez desde 2017. Ainda nesta apresentação em São Paulo, a banda performou "Charlie Brown" em versão acústica, diferente do que costuma fazer.

CRÉDITO: AGNEWS E IRIS ALVES/GETTY IMAGES

PALCO A, B E C

Para se aproximar dos fãs espalhados pelas arquibancadas do estádio, o show do Coldplay contou com três palcos. Além do principal, chamado de Palco A, havia o Palco B no final da passarela (onde aconteceu a performance de "Viva La Vida") e o Palco C, localizado no fim da área da pista comum. Mesmo quem comprou os ingressos mais baratos

teve a oportunidade de ver a banda de perto, com algumas surpresas.

Foi no Palco C que Coldplay recebeu seus convidados ilustres na série de shows realizados no Brasil. Nas duas primeiras datas, Seu Jorge apareceu para tocar "Amiga da Minha Mulher." Cris Botarelli, da banda Far From Alaska, também participou do momento, assumindo o pedal steel. Entre outros músicos que subiram ao palco com Coldplay estavam Sandy, Rael e Lauren Mayberry - vocalista do Chvrches, que realizou a abertura das 11 apresentações dos britânicos. Na última, no Rio, Seu Jorge voltou ao palco de Chris Martin, dessa vez acompanhado por Milton Nascimento.

PISO CINÉTICO E BICICLETAS

A preocupação do Coldplay com o meio ambiente levou a banda a adicionar itens novos na pista dos estádios. Com o piso cinético e bicicletas geradoras de energia, o público pôde ajudar nas metas de sustentabilidade, levadas com seriedade pelo grupo. O propósito é reduzir cada vez mais o impacto ambiental de turnês grandes, como a *Music of the Spheres Tour*, apesar das longas viagens de avião e outras questões logísticas. Antes do início das apresentações, telão incentivou os fãs a se exercitarem e dançarem, levando o clima de festival ao show.

PORTUGUÊS AFIADO

Assim como fez no único show do Coldplay no Brasil em 2022, Chris Martin separou anotações com frases em português. O frontman conferiu sua "cola" em vários momentos do show, buscando se aproximar do público. Nas primeiras datas em São Paulo, quando tempestades de verão afetaram a cidade, banda precisou atrasar o show em uma hora, e Martin agradeceu: "Obrigado pelo esforço de estar aqui hoje, mesmo com a chuva, o trânsito e todos os problemas. Gratidão!". Antes "Sky Full of Stars," o músico fez apelo aos fãs, também em português, para que guardassem celulares e outros dispositivos eletrônicos. A intenção era viver um trecho do show "a sós" com o público, criando memórias como antigamente.

"Magic," do disco *Ghost Stories* (2014), ganhou uma versão 100% brasileira no dia 21 de março. Novamente ao lado de Botarelli, a banda performou a música com a letra em português. Os versos foram adaptados ao idioma do Brasil e cantados com o sotaque de Chris Martin: "Chama de Magia / Verdadeira / Eu chamo de magia / Quando estou com ti / Acabei partido / Partido em dois / Mesmo assim é magia."

ENCERRAMENTO

O bis foi praticamente o mesmo em todos os shows. Na volta ao palco, a banda tocou "Humankind," uma das animadas faixas do disco novo, com um refrão simples e chiclete.

"Fix You" foi o grande destaque, colocando o estádio para cantar uma última vez, iluminado, pelas pulseiras novamente. O final, no entanto, foi com a morna "Biutyful," em uma das poucas escolhas do Coldplay que talvez não tenham funcionado durante a *Music of the Spheres Tour*.

turnê sustentável e ativismo

POR **DIMITRIUS VLAHOS**

CRÉDITO: IRIS ALVES/LIVE NATION BRASIL

BRASIL REVELS

Assim como em 2017, na última turnê pela América do Sul, o Coldplay trouxe todo seu aparato para as apresentações. Lasers, telões, papel picado e, claro, as pulseiras sincronizadas com as luzes do palco, responsáveis por tornar o público parte essencial do show. Desta vez, no entanto, bicicletas geradoras de energia e pisos cinéticos foram instalados na pista - dando a oportunidade para a plateia participar das metas sustentáveis da turnê. Minimizando a pegada de carbono da logística dos shows, o Coldplay ainda recompensou fãs que fizeram o mesmo em seu caminho até o estádio (e comprovaram o feito pelo aplicativo da banda) com itens da loja oficial.

A devolução das pulseiras de LED é uma das questões sustentáveis que circulam as apresentações. Os objetos ficaram mais simples em comparação às turnês anteriores, com menos ornamentos que as tornassem parecidas com um souvenir, porque não são. Antes dos shows, a banda pede que as pulseiras sejam devolvidas. Sabendo da suposta rivalidade entre países sul-americanos, há um ranking comparando a taxa de devolução das cidades. Buenos Aires liderou a estatística com 94%.

> "ESSAS PULSEIRAS MUDARAM NOSSAS VIDAS, PORQUE PERMITEM UMA CONEXÃO REAL COM AS PESSOAS"
>
> CHRIS MARTIN

Em entrevista ao *Venus Podcast*, Chris Martin reiterou motivos para não levar os itens para casa e comentou importância das pulseiras nos shows do Coldplay: "Essas pulseiras mudaram as nossas vidas porque elas nos permitiram fazer uma conexão real com as pessoas, e fazer com que todos façam parte disso [do show]."

Segundo o vocalista, a pulseira foi desenvolvida há 13 anos, por Jason, um homem que costumava fazer baterias para "brinquedos sexuais." Ele vendeu a ideia para um dos produtores da banda, Phill.

"A gente investiu muito dinheiro. Elas valem a pena porque você vê a multidão e tornam o show diferente, mas você deve devolvê-las porque são realmente muito caras."

O ativismo do Coldplay se estendeu a outras áreas. Ao lado da ONG São Paulo Invisível, eles levaram pessoas em situação de rua em São Paulo para assistir a um dos shows no estádio do Morumbi. Além disso, com apoio de fãs, refeições foram distribuídas em bairros da zona norte e centro da cidade.

CRÉDITO: CAROLINE HECKE/LIVE NATION BRASIL

Coldplay é pop

POR **DIMITRIUS VLAHOS**

BRASIL REVISTAS

O ativismo ambiental não é uma surpresa para os fãs da banda. A busca por um mundo melhor e a positividade do discurso do vocalista Chris Martin estão presentes nas letras e melodias do Coldplay. Há anos, a banda se desvinculou da imagem melancólica dos primeiros discos - estética que rendeu comparações com Radiohead, apesar dos rumos distintos tomados pelos artistas em seus trabalhos durante a década de 2000.

Sem medo de se lançar no pop, o Coldplay cometeu mais acertos do que erros e se consolidou como a maior banda da atualidade, capaz de comover público de diferentes idades e culturas. Deixando de lado a relevância crítica e influência estética que outros grupos da mesma geração alcançaram, o quarteto parece não se importar em limitar a complexidade da mensagem, visando atingir um público maior.

Coldplay em todo lugar ao mesmo tempo

POR **FERNANDA DECARIS**

BRASIL REVISTAS

Chris Martin definitivamente ama o Brasil, durante os momentos de folga dos seis shows em São Paulo, o vocalista aproveitou para passear pela cidade e fez diversas aparições inusitadas. O britânico participou de rodas de samba e até tocou bateria universitária enquanto passeava pelo parque Ibirapuera.

CRÉDITO: JOÃO ALVES/LIVE NATION BRASIL

ENSAIO DE BATERIA UNIVERSITÁRIA EM SÃO PAULO

O vocalista da banda britânica visitava o Parque Ibirapuera quando ouviu o som da bateria da Faculdade de Direito da USP. Os estudantes se surpreenderam com a presença ilustre, assim como o músico se surpreendeu em ouvir os instrumentos durante sua caminhada.

Chris tirou uma foto com os integrantes da bateria e trocou rápidas palavras com o coordenador do grupo antes de pedir que continuassem com o trabalho e seguir em seu passeio.

RODA DE SAMBA

Ao encerrar os seis shows em São Paulo, no Estádio do Morumbi e antes de ir para o próximo destino, Curitiba, no Paraná, o vocalista Chris Martin aproveitou o domingo de folga para mais um passeio na capital paulista.

Vídeos mostram o artista curtindo seu último dia em São Paulo em uma roda de samba durante a tarde em um bar durante a tarde na barra-funda.

NA ACADEMIA

Outro passeio inusitado foi quando o cantor esteve em uma academia de São Paulo. Chris Martin foi elogiado pela simpatia e fãs aproveitaram para tirar fotos ao lado do artista.

FEIRA DE ANTIGUIDADES

Guy Berryman, outro integrante da banda, também parece ter aproveitado a passagem pelo país. Em suas redes sociais, ele contou que visitou o vão livre do Museu de Arte de São Paulo, onde ocorre uma feira de antiguidades.

RODA DE SKA

Em 2022, no dia seguinte à sua apresentação no Rock in Rio, Chris Martin e seu empresário Phil Harvey assistiram ao grupo "Roda de Ska" no Rio de Janeiro próximo a praia de Ipanema.

Era um dia nublado e o vocalista e seu empresário estavam na plateia, com os pés descalços, de moletom e touca. O estilo musical jamaicano tem relação com a origem do reggae.

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: IRIS ALVES/A.VE NATION BRASIL, REPRODUÇÃO/INSTAGRAM E EDUARDO MARTINS/AGNEWS

ponto de virada*

EM UM LONGÍNQUO 2007, O COLDPLAY DESEMBARCAVA NO BRASIL PARA TESTAR AS MÚSICAS DO ENTÃO DESCONHECIDO ÁLBUM *VIVA LA VIDA*. ERA UM PERÍODO DE MUDANÇAS, APÓS UM PERÍODO DE CRESCIMENTO E DE UM PACTO SILÊNCIO, QUE ALÇARIA A BANDA A UM OLIMPO POP, ATÉ ENTÃO DESCONHECIDO PARA ELES

BRASIL REVISTAS

POR **RODRIGO SALEM**

CRÉDITO: RYAN PIERSE/GETTY IMAGES

*TEXTO ORIGINALMENTE PUBLICADO COM O TÍTULO CÓDIGO DO SILÊNCIO NA EDIÇÃO Nº 5 DA **ROLLING STONE BRASIL** EM FEVEREIRO DE 2007

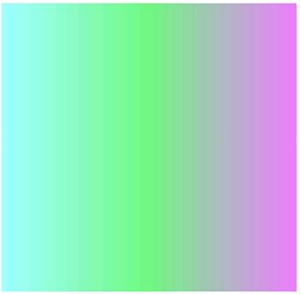
Raramente um festival de rock no Reino Unido escapa das chuvas torrenciais que molham o solo da ilha entre junho e setembro. Mas o próprio céu parecia antever o que aconteceria naquela noite de 17 de agosto de 2003. Nenhuma gota ousou se colocar entre o Coldplay e a plateia de 60 mil pessoas que testemunhava o surgimento do mais forte candidato a maior banda do planeta desde que o Radiohead embarcou no foguete rumo ao espaço. Àquela altura, eu já tinha visto shows de grupos encarados de maneira quase religiosa, como o U2 pela primeira vez no Brasil, e Ramones comemorando 30 anos de carreira em Nova York. No entanto, o sentimento que emanava no V2003, festival produzido pela poderosa Virgin, era de deleite histórico, de fazer parte da história. Foi naquele momento que o vocalista Chris Martin testou os limites de seu carisma, caindo do banquinho ao tocar "The Scientist" e sendo levantado pelo público. Foi ali que ele encarou os fãs ingleses depois da primeira grande confusão de sua vida, quando foi acusado de bater em um fotógrafo na Austrália. Foi esse auge da excursão do álbum *A Rush of Blood to the Head* (2002) que se tornou o quarto melhor show de todos os tempos segundo a imprensa britânica (até 2007), perdendo apenas para Radiohead em Glastonbury (1997), Nirvana no Reading (1992) e Oasis em Knebworth (1996). Foi em cima do palco que o Coldplay viu que a maior resposta para críticas, fama, processos judiciais e superexposição seria uma só: o silêncio. Depois daquele show, nada mais seria o mesmo para o quarteto londrino.

BRASIL REVISTAS

Quatro anos depois, o Coldplay chegava ao Brasil diferente de sua última passagem pelo país até então, quando encerrou as atividades de *A Rush of Blood to the Head*. Desta vez, Chris Martin (vocal e piano), Jonny Buckland (guitarra), Guy Berryman (baixo) e Will Champion (bateria) aterrissavam por aqui no fim de fevereiro daquele longínquo 2007 para testar várias músicas que devem entrar no próximo disco do grupo, previsto para 2008. E até o quarteto subir no palco do espaço Riesco, em Santiago (Chile), primeira data da minitour, é basicamente isso que qualquer mortal sem conexão com a banda sabia sobre o projeto. O mistério começava a fazer parte do jogo. Uma lição aprendida a duras penas com o trabalho desenvolvido no álbum anterior, *X&Y* (2005), que, apesar das 10 milhões de cópias vendidas, fora recebido por muitos críticos – em especial, o *The New York Times* – como um trabalho hercúleo de prepotência e egocentrismo. Ninguém duvidava que muitas dessas reações vieram das ações tomadas pela banda e sua equipe pouco antes do lançamento da obra, em 2005. Martin era frequentemente citado na imprensa inglesa se gabando do disco ("a melhor coisa que alguém já fez") e a gravadora transformara a audição do CD numa missão no melhor estilo James Bond encontra Nick Hornby – um encontro era marcado em algum lugar de Londres ou de qualquer capital importante e o jornalista precisava ir pessoalmente receber um pacote nominal, contendo o disco de uma banda desconhecida, chamada The Fir Trees.

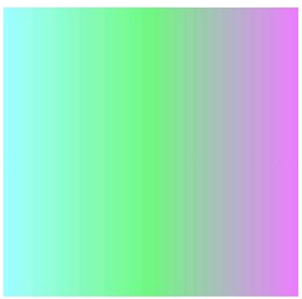
X&Y, DE 2005, FORA RECEBIDO POR MUITOS CRÍTICOS COMO UM TRABALHO DE PREPOTÊNCIA E EGOCENTRISMO

CRÉDITO: MARCUS HANEY



A nova estratégia para o quarto disco foi a mesma adotada por Martin depois da encrenca com o paparazzo australiano: revelar sinais do que pode vir a ser o projeto apenas no palco – na ocasião do V2003, a banda adiantou "Pour Me" e "The World Turned Upside Down", gravadas dois anos depois. Trocamos dezenas de e-mails e telefonemas nacionais e internacionais com a gravadora, batemos na porta do novíssimo estúdio de gravação da banda no frio inverno londrino e entramos em contato com a própria BBC. Nada. O Coldplay não falaria sobre as apresentações nem adiantaria detalhes daquele álbum, apesar de ter visitado os escritórios da Rolling Stone norte-americana e o vocalista ter assumido, por um dia, o programa do DJ Zane Lowe, da BBC 1. A explicação sobre esta turnê às avessas viria de forma oficial, no site da banda. "Tendo recebido uma resposta fenomenal na última turnê latino-americana, a banda pessoalmente escolheu retornar à região" para testar as músicas em apresentações estruturadas para locais pequenos. O saudoso Via Funchal, em São Paulo, que já seria apertado para o Coldplay naquela época, ainda teve a capacidade de 6 mil pessoas reduzida para menos da metade para a colocação de cadeiras. Os ingressos para os três dias de shows se foram em menos de 48 horas, mesmo os mais caros chegando a insanos R$ 400 [n.e.: em 2023, os valores chegariam a R$ 980]. Nenhuma surpresa para um grupo que já na época tocava o coração dos roqueiros mais alternativos e ainda emplaca música em novelas da Globo.

O início da carreira não tem nada a ver com disputa por ingressos e discos que atingem as ações da gravadora na bolsa de valores. "Nosso primeiro show", revelou o baterista Will Champion em entrevista à *Rolling Stone* norte-americana, "custou 3 libras (cerca de R$ 15, à data de publicação dessa entrevista, em 2007; hoje, quase R$ 20) com o flyer e 5 libras (R$ 25 em 2007, R$ 32 hoje) sem. E todo mundo da escola apareceu". O nome da banda ainda era



Starfish e só havia seis canções no repertório. Diante da recepção positiva dos amigos, os "Estrelas-do-Mar" ainda voltaram para um bis e deixaram o clube Laurel Tree, em Camden Town, com um cheque de 80 libras nas mãos. A apresentação foi resultado de poucas semanas de ensaio no andar superior de uma casa, cujo quarto Jonny Buckland dividia com Chris Martin e dois amigos. "Era um pardieiro", recorda Martin. "Mas amávamos aquilo. Era somente parar de tocar antes da meia-noite que ninguém reclamava."

A paixão do vocalista por esse importante período da vida do Coldplay revela uma dedicação que fez o grupo partir à frente de muitos outros que surgiam no rastro da revolução detonada pelo Radiohead e seu *Ok Computer* em 1997. "Nós tínhamos um pacto", confessa Will Champion. "Não poderíamos parar enquanto não fizéssemos sucesso." Ironicamente, esse pacto quase levou o baterista para fora do mundo do Coldplay. Champion entrou na banda pela porta dos fundos, quando acompanhou um colega baterista na gravação de algumas faixas para o Starfish. O amigo precisou sair depois de uma música e o jovem de Southampton assumiu as baquetas. "Eu não sabia tocar bateria", diz o músico, que foi sacado do recém-batizado Coldplay pouco antes de entrarem em estúdio para registrar o disco de estreia, Parachutes. Uma semana depois, Chris Martin voltou rastejando, pedindo para Will reassumir sua posição. "Dormimos com alguns bateristas", lembra o vocal. "Mas aprendemos que você não pode foder com a química de nossa banda." O estrago, contudo, atingiu a cabeça do instrumentista desprezado, que só ganhou uma autoestima de rockstar quando o Coldplay foi vaiado e atingido por garrafas num festival em Washington D.C., em 2001, por uma audiência hostil que esperava a principal atração da noite, o Foo Fighters. "Dave Grohl se aproximou de Will e falou que ele era um baterista incrível. Isso mudou a vida dele", diz Martin.

Ironicamente, o próprio Dave Grohl terminou virando uma referência para a grandiosidade do Coldplay. Quatro anos depois do encontro informal na capital dos Estados Unidos, as duas bandas se reencontraram em dois momentos cruciais para os ingleses. O primeiro foi no já citado V2003, quando o Foo Fighters aqueceu o palco principal para o Coldplay fechar a noite antológica. A segunda seria em julho de 2005, quando ambos chegaram ao festival Fuji Rock Festival, no Japão, como headliners e disputando as paradas com os discos recém-lançados, *In Your Honor* e *X&Y*. Depois de descobrir que o Coldplay havia tirado o Foo Fighters do número 1 da Billboard, Grohl chegou junto de Champion e soltou, simpático: "Estamos fechando uma noite do Fujifest. Mas quem toca antes da gente? A maior banda no mundo hoje? Ôôôtimo".

É nesse momento que entraria o lado popstar de Chris Martin para saber equilibrar o surrealismo de ser um gigante do rock e manter a qualidade musical. Então casado com uma estrela do cinema, Gwyneth Paltrow, com quem tem um casal de filhos (uma menina chamada Apple e um menino batizado de Mo-

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: EDUARDO MARTINS/AGNEWS

ses), é um vegetariano que come peixe ("Notei que ninguém ia para minha casa comer hambúrguer de tofu", explica a exceção) e filho de uma professora com um contador. Ganhou um violão quando era criança, mas se apaixonou pelo piano da família, em que compôs seu primeiro número musical, uma canção instrumental baseada no tema de *Um Tira da Pesada*. Conheceu o resto da banda na Universidade de Londres e, desde o princípio, virou uma espécie de guru do sucesso, ditando regras e atitudes que levariam o Coldplay a ficar conhecido na época como "o novo U2".

Ou o novo Radiohead. "Lembro de um artigo que li sobre eles assim que virei fã", declara o líder da banda. "[o guitarrista] Jonny Greenwood falou que todas as músicas do *Ok Computer* eram uma tentativa de soar como outros artistas. É assim que acontece conosco algumas vezes." Alguns rumores ainda davam a entender que Martin não aceitava nenhum membro se envolvendo com drogas porque essa era a maneira de Thom Yorke controlar o Radiohead. Ele não nega a inspiração. "Somos como cachorrinhos latindo em volta de seus calcanhares", brincou, em entrevista à *Newsweek*. "Há pessoas que gostam disso e outras que nos chutam. Uma delas é o Radiohead." Bem, pelo menos Yorke não tem o título de "vegetariano mais sexy do globo", segundo a organização de proteção aos animais, PETA. "Eu não me importo em não ser cool", diverte-se Martin. "Essa eleição é o máximo que consigo em ser tão bacana quanto Brad Pitt. Os maiores desafios de minha vida são estes: tentar ser o Radiohead e Brad Pitt."

> "EU NÃO ME IMPORTO EM NÃO SER COOL"
>
> CHRIS MARTIN

BRASIL REVISTAS

Enquanto não consegue cumprir as tarefas, o vocalista mistura uma dose de desejo em relação ao próximo CD e uma simpática arrogância disfarçada de humildade quando questionado, já em 2007, sobre sua banda ser a maior banda do mundo. "Eu acho que estamos subindo entre as dez mais", exalta. "Tenho esperança que o disco seguinte nos valide ainda mais. Levamos os falsetes e as baladas no piano até onde dava. Agora podemos tentar algo diferente. É libertador." A preocupação de Martin não é garantir o salário dos executivos da gravadora ou destruir recordes. "Estamos só no terceiro disco, nos sentimos como a nova gíria do momento."

CRÉDITO: CAROLINE HECKE/LIVE NATION BRASIL

BRASIL REVISTAS

A humildade misturada com uma dose bem-humorada de auto humilhação é uma das características mais marcantes do vocalista e anda meio perdida no turbilhão de egos envolvendo o sucesso do Coldplay. Ao mesmo tempo em que pode falar que "fez um disco sem erros" (sobre *A Rush Of Blood to the Head*), não esconde que "costumava andar de modo engraçado e era um imbecil" e "que nem eu gostaria de mim mesmo." O duelo entre a insegurança católica (Chris foi criado como um bom cristão e não esconde sua paixão por corais de igreja) e a megalomania do principal compositor do Coldplay gera atitudes inesperadas como os shows brasileiros de fevereiro de 2007. "Adoro ser desafiado", adianta o músico. "Acho empolgante a ideia de que há um monte de pessoas dependendo de mim como compositor. Algumas resenhas do *X&Y* bateram muito forte, mas depois disso eu pensei: 'Por quê? Estamos apenas escrevendo músicas e não inventando a doutrina nazista'." Então qual razão explicaria essa turnê-teste longe das grandiosas casas de shows sempre receptivas à banda nos Estados Unidos e Inglaterra? Na verdade, é assim que o grupo se livra do nervosismo. "Apenas tocamos. Tocamos em vários locais pequenos. Acho melhor sempre voltar a espaços menores, porque é ali que você se sente musicalmente nu. É como o início de *O Exterminador do Futuro*, quando Arnold Schwarzenegger aparece. Ele parece bem, com todos aqueles músculos, mas não veste uma peça de roupa e não faz ideia do que está fazendo. Nos sentimos da mesma maneira.

> "ESTAMOS APENAS ESCREVENDO MÚSICAS E NÃO INVENTANDO A DOUTRINA NAZISTA"
>
> CHRIS MARTIN

Ainda não temos nossas roupas e ainda não sabemos direito o que estamos fazendo."

A nova roupagem, no entanto, já arrumara seu estilista. O ex-Roxy Music e colaborador usual do U2, Brian Eno, revelou na época ao programa *Front Row*, da rádio BBC 4, que assumiria a produção do "disco quatro" do Coldplay – o que se tornaria *Viva La Vida*, lançado em 2008 e um dos mais celebrados álbuns do grupo até então. Segundo Eno, ele seria "bastante original e bem diferente do que o Coldplay fez antes", mas os boatos de que o quarteto poderia entrar na moda dos anos 80 que domina a Inglaterra foram descartados: "Engraçado, falei com David Byrne há pouco tempo e brinquei dizendo que estamos tentando ficar o mais distante possível do Talking Heads". A entrada de Eno, contudo, mostra mais uma coincidência entre as carreiras do Coldplay e U2. Bono, que foi flagrado falando que "o Coldplay escreve músicas que curam o coração", já iniciou Chris Martin nos "prazeres" do engajamento social. "Há poucas pessoas e 'coisas' que me intimidam e que ainda coloco em outro nível em meu cérebro. Uma delas é o U2", paparica Martin, devolvendo a rasgação.

Porém, enquanto Bono encontrava líderes de países poderosos e criava ações humanitárias, Chris Martin se dedicava à organização Make Trade Fair, que pede um comércio justo entre nações de primeiro e terceiro mundos. No V2003, o vocalista pegou uma caneta hidrocor preta e pintou o nome da organização no braço. No Brasil, logo depois, ele já subiria

ao palco com ela. Durante a tour do *X&Y*, usava apenas o símbolo da campanha (um sinal de igual) e bandagens coloridas ao redor dos dedos para chamar atenção para o símbolo. Numa das apresentações beneficentes, Martin deu uma pista sobre como pode soar o novo disco. O evento foi na Union Chapel, de Londres, em novembro de 2006. O líder do Coldplay chamou um violinista, sentou no piano e cantou uma canção que ele chamou de "Bucket For a Crown", escrita na noite anterior. Após dois minutos de uma composição no estilo de "The Scientist" (com uma letra provisória homenageando Noel Gallagher), o vocalista parou e disse: "Se for uma merda, daremos ela para o Killers. Se for boa, gravamos." Os fãs do Killers não precisam chorar. Martin já era fã da banda de Las Vegas e tocara "When We Were Young" no violão no começo do set. Não é preciso nem dizer que tudo está até hoje na internet.

O que não podia vazar para a web é a experiência de Martin em outros passos de Bono. Ou melhor, podia. O músico, assim como o ídolo, viajou para a África para compreender a importância da organização que apoia. "Se não soubermos sobre o que estamos falando, ninguém se interessará em conversar conosco sobre isso", explica. O cantor aproveitou para gravar um documentário para a Make Trade Fair colocar na rede. Nele, conversa com fazendeiros de Gana e testemunha o nível de pobreza do interior do país. "Foi triste, porque você podia ver como uma nação pode ser destruída por homens em escritórios a 1.500 quilômetros de distância." A excursão quase acabou em tragédia quando o avião do rockstar por pouco não se espatifou no chão, fazendo Martin pensar em 1) como sua filha cresceria nas mãos de um padrasto; e 2) no disco novo do Coldplay. "Algo assim nos faz ficar mais focados e apreciar tudo que temos", filosofa sobre a experiência de quase morte e dando uma resposta que agradaria a qualquer nerd de *Jornada nas Estrelas* sobre uma solução drástica e revolucionária. "Quando olho para o espaço, tudo que vejo são coisas positivas. A raça humana nunca poderá arruinar espaço sideral." Antes que alguém o coloque ao lado de Tom Cruise, o músico não é cientólogo. "Nosso baterista é um fanático por *Guerra nas Estrelas* e um de meus melhores amigos, Simon [Pegg, ator de *Todo Mundo Quase Morto*] é cercado por adoradores desse gênero. Acho que está ao meu redor."

> "SE NÃO SOUBERMOS SOBRE O QUE ESTAMOS FALANDO, NINGUÉM SE INTERESSARÁ EM CONVERSAR SOBRE ISSO"
> CHRIS MARTIN

CRÉDITO: RYAN PIERSE/GETTY IMAGES

Uma das coisas que Chris Martin apreciava naquela época era o benefício do sucesso. Sua única briga com a imprensa até então fazia parte do passado ("A verdade é que nunca bati em ninguém") e o casamento com Paltrow (que seria dissolvido sete anos depois, em 2014) e a exposição dos filhos eram encarados com naturalidade.

Durante a turnê anterior, ele pegava o jatinho da banda para retornar para casa sempre que podia e não teve cerimônia em levar Apple nas apresentações do Live 8. "Em outra ocasião, teria ficado com raiva. Adoro andar com minha filha e sou tão orgulhoso quanto qualquer outro pai", declara o papai coruja. Os 28 milhões de discos vendidos numa carreira de três trabalhos do pai deve credenciar a pequena Apple para voos mais longínquos. A não ser que o Coldplay fechasse as cortinas e pendurasse as chuteiras. E, ainda que hoje a pausa pareça mais definida no horizonte, já em 2007 ela não era uma conjectura tão fantasiosa quanto muitos imaginavam. A primeira grande crise entre os membros da banda aconteceu assim que as gravações de *X&Y* tiveram sinal verde. Seguindo os 16 meses na estrada promovendo *A Rush of Blood to the Head*, os quatro amigos não deram uma pausa para respirar e se meteram no estúdio. "Só queríamos ver nossas famílias e amigos – ser normais", confessa o baterista Champion. "Não que estivéssemos nos odiando. Mas ninguém falava nada e as coisas começaram a se despedaçar." Oito meses de trabalhos frustrantes e canções insatisfatórias levaram o grupo a uma reunião de emergência para colocar as tensões para fora. Cada integrante explicou o que estava sentindo e procurou resgatar o sentimento que carregava no início da carreira. "Decidimos que deveríamos nos separar ou voltar a como era antigamente, apenas quatro caras sem distrações, sem grandes ajudas ou grandes estúdios. Nos tornamos mais próximos depois dessa bebedeira", ressalta Martin, sendo seguido pelo baixista Guy Berryman. "De alguma maneira, foi até um disco rápido de se fazer. O que demorou foi descobrir o que estávamos querendo fazer."

> "DECIDIMOS QUE DEVERÍAMOS NOS SEPARAR OU VOLTAR A COMO ERA ANTIGAMENTE"
>
> CHRIS MARTIN

CRÉDITO: IRIS ALVES/A.VE NATION BRASIL

A segunda crise foi mais séria. Abalado com as críticas ao terceiro álbum, Martin teria dito a amigos que poderia parar de escrever músicas. A boataria se deliciou ainda mais quando o vocalista recebeu o Brit Awards em fevereiro de 2006 e disse: "Não veremos vocês em muito tempo. Falo sério. Adeus". Assim como o lançamento de *X&Y* valorizou as ações da EMI, essa declaração estabanada desvalorizou os papéis da gravadora em 1,58%. A assessoria do grupo foi acionada e consertos foram feitos. "Eles estão apenas tirando um merecido descanso", anunciaria a porta-voz em julho daquele ano, ao final da tour *Twisted Logic*, no Japão e Austrália. Martin, por outro lado, começaria a flertar com shows acústicos, gravações com Jay-Z e aparições em séries de TV.

A resposta não poderia ter vindo da maneira mais rápida, com o anúncio daquela turnê na América Latina para adiantar o novo caminho do Coldplay. "Tudo que aconteceu conosco nos últimos dois anos mudou a percepção de como as pessoas nos veem", divagara o cantor em 2007. "De repente, precisaríamos tomar a decisão de gravar, mesmo sendo desonestos com nossas emoções. Mas Jonny (Buckland) me falou: 'Não, continue a escrever sobre o que está na sua cabeça, mesmo que signifique que as pessoas vão criticar e interpretar erroneamente'. Então, eu canto sobre o que acredito." Se isso continua sendo verdade, que tal aproveitar a letra de "Talk" e abrir o jogo aqui no Brasil? Não é você mesmo, Chris, que diz "Vamos conversar"?

quando a cor encontra o Coldplay

BRASIL REVISTAS

POR **PATRICK DOYLE**

CRÉDITO: KEVIN WINTER/GETTY IMAGES

HÁ ALGUNS ANOS, CHRIS MARTIN ESTAVA SE SENTINDO "DEPRIMIDO E SOBRECARREGADO". ERAM OS ÚLTIMOS ESTÁGIOS DO CASAMENTO COM A ATRIZ GWYNETH PALTROW, COM QUEM FICOU POR DEZ ANOS, E ELE RECONHECIA ESTAR CADA VEZ MAIS INSEGURO EM RELAÇÃO À MÚSICA QUE FAZIA. "NÃO ESTAVA VENDO AS COISAS DE UM JEITO SAUDÁVEL", CONTA.

Então, um amigo lhe deu alguns livros, incluindo *Em Busca de Sentido*, autobiografia do psiquiatra e sobrevivente do Holocausto Viktor Frankl, e um do poeta persa do século 13 Rumi. Martin diz que um poema, "A Casa de Hóspedes" – que sugere "convidar" pensamentos sombrios – o ajudou a enfrentar o período do divórcio. "Meio que mudou minha vida", afirma. "Diz que tudo que acontece com você é bom. A ideia é aceitar o que acontece e não fugir de nada – e confiar que tudo desabrochará e ficará colorido."

Martin declama o poema em uma psicodélica porção falada do sétimo álbum do Coldplay, *A Head Full of Dreams* (lançado em 2015), que aborda a recuperação de uma época de ansiedade e tristeza. "É tudo verdade", diz Martin. "É sobre amor e aceitação e abraçar o que acontece com você. É um disco bem hippie. Todos os nossos álbuns foram uma jornada para chegar a este."

Ele afirma que o disco *Ghost Stories*, de 2014, era propositadamente um "disco menor". "Isso te liberta para fazer o que quiser em seguida." Em vez de fazer uma turnê para promover *Ghost Stories*, a banda ficou no estúdio. "O Universo ficava me mandando tantas músicas que falei: 'Preciso continuar gravando'", conta Martin.

CRÉDITO: ZUNINO CELOTTO/RYAN PIERSE/GETTY IMAGES

Ali o Coldplay estava mais ambicioso. O grupo começou a trabalhar com o Stargate, coletivo de produtores noruegueses por trás de hits de Beyoncé e Rihanna. "Queríamos casar toda a música que amamos, de Drake a Oasis", declara Martin. "Havia uma sensação de que não tínhamos nada a perder. Agora já estamos muito à vontade com o fato de que [nosso som não é] para todos."

Os produtores foram exigentes. Pediram demos para cada música ("Nos sentimos novamente como na época em que não tínhamos contrato", compara) e os integrantes tinham de concordar unanimemente sobre quais faixas gravar. "Para cada uma que entrou, oito ou nove ficaram de fora."

O quarteto foi encorajado a recrutar convidados diversos. Noel Gallagher toca guitarra em "Up & Up" e Beyoncé aparece em duas faixas, incluindo o batidão para a balada "Hymn for the Weekend" (até a filha dela, Blue Ivy, recebe crédito como vocal de apoio), mas a participação mais surpreendente foi a de Gwyneth Paltrow, que canta na balada de despedida "Everglow". "Simplesmente fizemos essa no estúdio um dia. Foi amigável."

O MOMENTO PREFERIDO DE MARTIN NAQUELE TRABALHO FOI O QUE MENOS SOA COMO O COLDPLAY, A HOJE CLÁSSICA "X MARKS THE SPOT", EM QUE ELE COSPE RIMAS ATRAVÉS DE UM VOCODER SOBRE LOOPS DE BATERIA. "A MAIORIA DOS INSTRUMENTOS NESSA FAIXA NÃO EXISTIA QUANDO GRAVAMOS NOSSO PRIMEIRO ÁLBUM", DIZ. "AQUELES QUE QUEREM QUE A GENTE SEJA UMA BANDA DE ROCK PODEM FICAR DECEPCIONADOS, MAS ACHO QUE NÃO SOMOS REALMENTE UMA BANDA DE ROCK."

CRÉDITO: CHRISTOPHER POLK/GETTY IMAGES

BRASIL REVISTAS

Na época do lançamento, Martin deixou os fãs em pânico quando sugeriu que o álbum seguinte do Coldplay seria o último. "Não tenho ideia do que vai acontecer", afirmou, à época. "Se um dia fizermos outro disco, será maravilhoso." Em seguida, esclarece: "Definitivamente não estamos nos separando".

E definitivamente não estavam: a turnê mundial de *A Head Full of Dreams* (2015) passou pelo Brasil em 2016. São Paulo e Rio de Janeiro receberam a banda com shows do disco, antes do lançamento de dois outros álbuns que manteriam o DNA mais otimista, que é uma marca do grupo em 2023. Um otimismo resumido na época pelo próprio Martin:

"Se você é fã de Coldplay, vai amar. Se não gosta de nós? Não se preocupe. Não tem problema."

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: EDUARDO MARTINS/AGNEWS

“faria tudo de novo”

BRASIL REVISTAS

UNINDO AMOR PELA MÚSICA E UMA PITADA DE LOUCURA, FÃS DO COLDPLAY FIZERAM DA PASSAGEM DA BANDA PELO BRASIL UMA DECLARAÇÃO DE AMOR À BANDA

POR **MARIANA ARRUDAS**

CRÉDITO: CAROLINE HECKE/LIVE NATION BRASIL

A palavra fã é usada para descrever "indivíduos que têm e/ou manifestam grande admiração por pessoa pública", seja por artistas, atletas ou até mesmo políticos. No entanto, a definição do substantivo de dois gêneros, segundo o dicionário Oxford, não chega perto de explicar o sentimento de amor, identificação e frio na barriga que essa legião sente ao ver o ídolo de perto.

Trânsito, fila e chuvas torrenciais não foram o bastante. Neste ano, desafios não impediram fãs brasileiros de demonstrarem seu amor pelo Coldplay. O primeiro deles, inclusive, chegou cedo, antes da própria banda britânica, que precisou adiar sua maratona de 11 shows no Brasil, em decorrência de uma infecção pulmonar grave de Chris Martin, vocalista do grupo. Cinco meses se passariam até que eles passassem por São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro, arrastando milhares à colorida turnê *Music Of The Spheres*, em março deste ano.

UM DOS AFICIONADOS É GUSTAVO BEVILACQUA, DE 23 ANOS, QUE JÁ CONFERIU OUTROS DOIS SHOWS DO GRUPO - OU "SONHOS DE DUAS HORAS", COMO DEFINE -, DESDE 2015. "SEMPRE QUE O COLDPLAY VIER PARA O BRASIL, VOU QUERER IR [NOS SHOWS]", CONTA O ECONOMISTA, QUE PASSOU A ACOMPANHAR O GRUPO EM 2015 E, DESDE ENTÃO, JÁ FOI EM OUTRAS DUAS APRESENTAÇÕES DA BANDA EM TERRAS BRASILEIRAS.

BRASIL ECONOMISTA

Gustavo esteve no show de São Paulo, no Estádio do Morumbi, e afirmou que, apesar da infraestrutura do local ter deixado a desejar e dos perrengues devido às chuvas, faria tudo de novo. "Sempre aguardo a volta deles para o Brasil para poder viver aquele sonho de duas horinhas mais uma vez, é muito especial pra mim e não consigo deixar de ir."

E a sensação para os fãs é bastante similar: enfrentar longas filas no dia do show, uma batalha para comprar os ingressos e até mudança de datas... Os perrengues não passam de uma boa história para contar após conseguir realizar o sonho de ver a banda favorita. O sentimento aconteceu para Vanderley Vieira, 26, de Fortaleza, que já havia comprado as passagens e o ingresso para outubro, em São Paulo, e resolveu tatuar a data no braço –tudo antes da mudança dos shows.

O vendedor autônomo contou em seu perfil do Twitter que não conseguiu mudar a passagem e acabou vindo para a capital paulista a passeio, mesmo sem o show. No entanto, ele decidiu não

a tatuagem e optou por fazer um risco na data errada, completar o desenho com outros elementos e ter marcado no corpo a história envolvendo sua banda favorita há mais de 10 anos.

Em agosto, durante a passagem do grupo por Londres, outro fã deu mais sorte. Mattie Jolley pediu que o vocalista desenhasse uma tatuagem para ele, com uma placa antes da canção "Fix You". Chris Martin aceitou o pedido e Jolley providenciou um papel e uma caneta e o desenho foi feito ao som do sucesso de 2005.

"Ele me escolheu em uma multidão de 80 mil pessoas para tornar minha noite ainda melhor. Ele não tinha que fazer isso e eu sou muito grato por ter feito", disse, em entrevista ao portal *Lad Bible*. O design feito pelo artista foi um coração com um sinal de infinito ao seu redor.

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: CAROLINE HECKE/LIVE NATION BRASIL

ANTES DO SHOW, A BATALHA PELOS INGRESSOS

Apesar de parecer simples, o sonho de conseguir assistir a banda favorita é bastante complicado, especialmente na hora de comprar os ingressos. No Brasil, a banda britânica esgotou quatro vezes a venda de ingressos apenas em São Paulo, e o fato também aconteceu em Curitiba, no Paraná, gerando revolta entre os fãs.

Em outubro, um grupo acampou em frente ao Estádio Couto Pereira para conseguir ingressos para o show extra e, após as vendas se esgotarem em minutos, resolveram deitar na rua em protesto. Na época, um vídeo feito pelo jornalista Eduardo Matysiak circulou nas redes mostrando fãs que estavam há quase 24 horas no local. "Fizeram a gente de palhaço neste lugar", disparou uma senhora, no registro.

O perrengue não é novo. Em 2017, Luiza Martinelli, 26, estava decidida a assistir a turnê "*A Head Full of Dreams*" em São Paulo, mas o grupo britânico faria apenas duas apresentações e ela não conseguiu os ingressos pela plataforma de vendas online. Então, após a frustração de perder a compra, decidiu, ao lado de uma amiga, ir para a porta da bilheteria. "Fomos totalmente despreparadas, com a roupa do corpo. Tinha cerca de 200 pessoas na nossa frente."

"Passamos a noite lá e quando abriu a bilheteria não conseguimos comprar, porque tinham muitos cambistas que compravam em lote. Acabou em 30 minutos", relembra a advogada. Apesar disso, ela conseguiu assistir ao show após comprar o ingresso de outra pessoa. "Foi maravilhoso, tanto que, quando anunciaram esse show eu não tive dúvidas de que iria de novo."

ACAMPAMENTO, CHUVA, FRIO E MUITO AMOR

Com os ingressos em mãos, é dada largada a uma nova disputa entre os fãs apaixonados: um lugar especial para assistir ao show. Não é difícil ver notícias de acampamentos em frente aos estádios e grupos que passam dias se revezando em barracas para conseguir um lugar mais próximo ao palco. Na última passagem do Coldplay pelo Brasil não foi diferente.

Em Curitiba, fãs montaram uma fila que durou quase 30 horas para conseguir um espaço próximo à grade da Pista Premium. Com barracas, travesseiros, coolers, comida, guarda-chuvas e até mesmo edredons, o grupo de cerca de 40 pessoas estava bem preparado para aguardar a apresentação e pronto para fazer amizades.

A chuva também pode virar um grande empecilho para os fãs. Em setembro do ano passado, durante a apresentação da banda no Rock in Rio, uma admiradora do grupo britânico viralizou nas redes sociais após mostrar sua mão completamente enrugada no show, resultado de oito horas debaixo de chuva para não perder o lugar na grade.

"O desespero foi real, mas faria tudo de novo, melhor dia da minha vida", escreveu Clarisse Saldanha. Ela contou ter ficado das 20h até às 4h da manhã na chuva, e, após o fim do show passou mal e teve que ser amparada pela equipe do festival, que acontece no Rio de Janeiro. Apesar disso, o mal estar não teve relação com o fato de sua mão estar enrugada.

BRASIL REVISTAS

"O desespero foi real, mas faria tudo de novo"

CLARISSE SALDANHA, FÃ DO COLDPLAY

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: CAROLINE HECKE/LIVE NATION BRASIL

soa pense que ela é incrível. O show é para mostrar que todo mundo é especial", declarou Chris Martin, ao programa dominical da Globo.

Para Débora, 53, e Amanda Jordão, 28, a história se inverte. Débora, assistente de RH, começou a gostar de Coldplay após ouvir o sucesso "Paradise" na rádio. Quando Amanda, sua filha, viu que ela estava interessada pela banda, resolveu mostrar ainda mais músicas e então a presenteou com um ingresso para o show em São Paulo. "Foi a primeira vez que fui a um show e achei que sairia com dor de cabeça e estresse, mas foi um momento de muita alegria e renovação. Foi uma noite inesquecível."

ADMIRAÇÃO QUE ULTRAPASSA GERAÇÕES

O carinho do público com a banda, e vice-versa, é uma prova da continuidade do amor de fã. Durante o show realizado em São Paulo, em 19 de março, o grupo britânico emocionou o Brasil ao exibir a história da família de Murilo Leal, um jovem de Goiânia que está dentro do espectro autista e teve sua vida marcada pelo Coldplay.

Em entrevista ao *Fantástico*, Fernanda Leal, mãe do jovem, disse que, apesar de seu filho começar a formar frases apenas com 9 anos, ele já cantava as músicas da banda com 1 ano, quando seu pai mostrou um clipe do grupo. Murilo está perdendo a visão devido a uma síndrome rara, conhecida como Bardet-Biedl, e, após o diagnóstico, sua família decidiu lhe proporcionar memórias visuais, e nada melhor que um show do Coldplay.

Após uma mobilização na internet, eles foram convidados para assistir ao último show da banda na capital paulista. Além da experiência da apresentação, repleta de ações visuais, o garoto pôde conhecer os músicos pessoalmente. "A gente não quer que o público pense: 'Que banda incrível!'. A gente quer que a pessoa pense que ela é incrível. O show é para mostrar que todo mundo é especial", declarou Chris Martin, ao programa dominical da Globo.

A ENGENHEIRA AMANDA CONTA QUE COMEÇOU A CURTIR A BANDA COM A CANÇÃO "VIVA LA VIDA", EM 2008. DESDE ENTÃO, AS MÚSICAS DO GRUPO SE TORNARAM TRILHA SONORA DE MOMENTOS IMPORTANTES, E ELA ACHOU UMA BOA IDEIA PRESENTEAR SUA MÃE COM O SHOW. "DURANTE A SEMANA, ELA ESTAVA BEM INSEGURA PARA IR POR CAUSA DA CHUVA, MAS NO FINAL NEM CHOVEU. FOI MUITO LEGAL VÊ-LA CURTINDO E SE DIVERTINDO COM AS LUZES E ALEGRIA CONTAGIANTE DA BANDA", ACRESCENTA ELA, QUE NÃO PENSA DUAS VEZES EM DIZER QUE IRIA EM OUTRA APRESENTAÇÃO.

CRÉDITO: IRIS ALVES/LIVE NATION BRASIL

BRASIL REVISTAS

MAS TAMBÉM PODE ULTRAPASSAR LIMITES

Apesar de, na maioria das vezes, a relação entre os fãs e os artistas ser saudável –e até mesmo incentivada pela banda– há histórias que ultrapassam os limites dessa admiração. No ano de 2019, Chris Martin precisou abrir uma restrição judicial contra uma fã de Coldplay.

A mulher o seguia em vários lugares e acreditava piamente que os dois estavam namorando. A decisão de abrir a medida protetiva veio após ela deixar pacotes dentro dos portões de sua casa, com cartas falando sobre o "relacionamento" dos dois, abordando temas como morte e citando os filhos do cantor, Apple e Moses.

NO ANO SEGUINTE, O BRITÂNICO SOLICITOU "DECÊNCIA" PARA ALGUNS FÃS QUE O ABORDARAM AO PEDIR AUTÓGRAFOS APÓS UM SHOW BENEFICENTE, REALIZADO EM LOS ANGELES, NOS EUA. "NÃO GRITE COMIGO. PERGUNTE GENTILMENTE OU APENAS SEJA EDUCADO. ME TRATE COMO UM SER HUMANO", DISSE. APÓS O PEDIDO, O ARTISTA ASSINOU ALGUNS OBJETOS.

Menos assustador, mas igualmente polêmico, foi o caso das famigeradas pulseiras de LED da turnê mais recente - e sua taxa de devolução. Muitos fãs não devolvem os acessórios que recebem no começo dos shows da banda. "As pulseiras mudaram nossas vidas, elas permitiram que a gente se conecte com o público, de modo que todos façam parte do show. Foi onde a gente gastou a maior parte do nosso dinheiro, mas valeu a pena. E as pessoas devem devolvê-las porque elas são muito caras", disse Chris Martin, em entrevista ao *Venus Podcast*.

O vocalista costuma pedir que os itens sejam devolvidos para serem reciclados e utilizados em outros espetáculos, concretizando a turnê mais sustentável. No ranking da "reciclagem" nas apresentações na América Latina, São Paulo aparece na última posição, atrás de cidades da Argentina, Chile e Colômbia. A imagem viralizou nas redes sociais e gerou críticas dentro do fã clube da banda, já que parte deles concorda em devolver o objeto.

as 10 melhores músicas do Coldplay,

segundo a comoção da turnê no Brasil

POR EMANUELA LEMES

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: RYAN PIERSE/GETTY IMAGES

CRÉDITO: RYAN PIERSE/GETTY IMAGES

BRASIL REVISTAS

Quando em 1996, na University College London (UCL), foram formados os primórdios do Coldplay, não imaginavam que a banda seria uma das maiores referências do rock na atualidade. Após a maratona de 11 shows no Brasil, o conjunto, liderado pelo vocalista Chris Martin, o guitarrista Jon Buckland, o baixista Guy Berryman e o baterista Will Champion, emocionou o público brasileiros com músicas além do setlist oficial da turnê *Music of the Spheres*.

Canções como "Every Teardrop is a Waterfall", "People of the Pride" e "In My Place" foram as responsáveis por potencializar a "mensagem Coldplay" pelo Brasil que, se pudesse ser descrita por sentimentos, seriam estes: esperança, amor e paz. Em homenagem à passagem da banda pelo país, a Rolling Stone Brasil fez um ranking das 10 melhores músicas do Colplay, segundo a comoção do público na turnê pelo Brasil.

Para a lista, consideramos apenas as canções presentes nas setlists da turnê realizada entre 2022 e 2023, por São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro. **Confira:**

10. higher power

2021

Lançada como primeiro single do *Music of the Spheres*, "Higher Power" foi a canção oficial de abertura de todas as apresentações realizadas no Brasil e, sem dúvidas, merece o destaque pelo choque elétrico crescente - criado a partir de batuques na pia do banheiro de Chris Martin.

9. every teardrop is a waterfall

2011

Lançada no disco *Mylo Xyloto* (2011), "Every Teardrop Is a Waterfall" foi indicada para dois Grammys: Melhor Performance de Rock e Melhor Música de Rock. Tocada apenas em uma das apresentações realizadas em Curitiba, a explosão sonora relembra uma música de festa escrita como se tivesse que ser tocada como a última que você já ouviu.

8. in my place

2002

Presente no álbum *A Rush of Blood to the Head* (2002), "In My Place" foi tocada na primeira noite de apresentações do Coldplay no Brasil, em São Paulo. A canção melancólica remete a uma compreensão profunda da tristeza que se sente com tudo o que se tem, e ao vivo não poderia ser diferente.

BRASIL REVISTAS

7. the scientist

2002

Apesar de simples, "The Scientist" carrega muita emoção e exibe mais uma camada da construção musical singular da banda, capaz de arrancar todas as emoções do público em seus 4 minutos de duração - e ao vivo, Chris Martin cumpre com maestria o papel de executá-la de tal forma que, todos teriam que tentar e ultrapassar.

6. humankind

2021

Outro dos singles lançados antes do disco *Music of the Spheres*, "Humankind", que esteve presente em todas as apresentações do Coldplay no país, se destaca pelos instrumentais excêntricos e as letras de lamento nas apresentações ao vivo, que se mesclam com os instrumentais brilhantes e já familiares do álbum

5. my universe 2021

A brilhante parceria do Coldplay com a banda sul-coreana BTS marca um dos ápices emocionais mais bonitos das apresentações de *Music of the Spheres*, em que planetas infláveis são arremessados para a plateia e o público pode acolher sua criança interior com o sistema solar criado por Chris Martin.

4. fix you 2005

Lançada no disco *X&Y* (2005), "Fix You" é um dos clássicos da discografia do Coldplay capaz de transformar uma dor total - com um órgão de igreja tocando dois, três acordes - no clímax incendiado por riffs inesquecíveis, que em meio a chuva de papéis coloridos picados tornam a performance da canção ainda mais catártica.

3. people of the pride 2021

O arranjo orquestral acompanhado do riff único em "People of the Pride" ecoa de dentro para fora nas apresentações realizadas no Brasil. A canção, que faz parte do disco *Music of the Spheres*, é o grito de liberdade do público enquanto se desligam por algumas horas das dores da vida real.

2. charlie brown 2011

Indicado na categoria Melhor Performance de Rock no Grammy, a canção do disco *Mylo Xyloto* (2011) é um dos maiores sucessos do Coldplay e, sem dúvidas, gera uma explosão de sentimentos, enquanto o céu cheio de pulseiras brilhantes transforma qualquer noite escura em um milhão de cores.

PRÉVIA REVISTAS

1. yellow 2000

O hit "Yellow", do disco *Parachutes* (2000), ocupa o primeiro lugar do ranking, e como o próprio Chris Martin já disse em entrevistas anteriores, pode haver outras canções, canções mais complexas e canções menos sérias, mas "Yellow" estará presente nos shows até os dias finais da banda.

BRASIL REVISTAS

de olho no futuro

POR **FELIPE GRUTTER**

CRÉDITO: RYAN PIERSE/GETTY IMAGES

Diversas bandas, seja em turnês ou nas letras das músicas, aproveitam do holofote para falar sobre problemas atuais ou que aconteceram pela história. Porém, o Coldplay ficou bastante conhecido por, nos últimos anos, abordar uma questão que abrange mais nosso futuro, mas também é uma questão atual: o meio ambiente, e como as diversas agressões à natureza podem trazer consequências severas para a humanidade.

Esse foco no meio ambiente ficou ainda mais evidente na turnê que a banda liderada por Chris Martin fez no Brasil em 2023, com 11 shows ao todo (seis em São Paulo, três no Rio de Janeiro e dois em Curitiba). Por mais que não pareça, as turnês de artistas pelo mundo emitem bastante carbono, responsável por resultar no efeito estufa e mudanças climáticas.

Por exemplo, essa turnê da banda é 50% mais sustentável do que *A Head Full Of Dreams*, realizada entre 2016 e 2017. Mas como isso funciona? Em parceria com DHL Express, responsável por fazer logística internacional e correio expresso, Coldplay optou pelo uso de biocombustíveis avançados no frete marítimo e aéreo, reduzindo as emissões. Já na parte terrestre, ocorreu a utilização de Bio-LNG, combustível neutro em carbono sustentável, para abastecer veículos elétricos e caminhões.

Nos estádios onde aconteceram os shows e estádios, a banda também optou por trazer elementos sustentáveis, tanto para reduzir emissões e conscientizar os fãs e público. Nos palcos, feitos com "uma combinação de materiais leves, com baixo teor de carbono e reutilizáveis", Chris Martin usou tênis reciclável, feito a partir de 17 outros sapatos encontrados no lixo. Tem mais: os músicos disponibilizam bicicletas ergométricas, que geram energia para manter os shows acontecendo; a pista conta com uma plataforma cujo piso cinético transformava o movimento em energia; a cada ingresso vendido, para recuperar os carbonos emitidos para atmosfera terrestre, pelo menos uma árvore será plantada pelo mundo, como Haiti, Brasil, Romênia e Estado Unidos.

No entanto, toda essa mensagem positiva que Coldplay passou a adotar na carreira foi questionada em 2022. A banda foi acusada de servir como "idiotas úteis" para greenwashing, termo usado para apropriação de virtudes ambientalistas (seja de empresas ou pessoas) com intuito de gerar mais dinheiro e marketing.

O QUE COLDPLAY FAZ EM RELAÇÃO À CONSCIENTIZAÇÃO DOS CUIDADOS AO MEIO AMBIENTE AINDA ESTÁ EM UMA FASE INICIAL, MAS OS EFEITOS SÃO PRÁTICOS - DO PONTO DE VISTA PROPOSITIVO, NA INDÚSTRIA DO ENTRETENIMENTO, MAS TAMBÉM COM UMA ATUAÇÃO LOCAL. EM AGOSTO DE 2021, ENQUANTO O MUNDO AINDA SE ATRAPALHAVA NO COMBATE À PANDEMIA DE COVID-19, O COLDPLAY VOLTOU OS HOLOFOTES AO MEIO AMBIENTE BRASILEIRO: EM MENSAGEM DIRETA AO ENTÃO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO, A BANDA COBROU ABERTAMENTE O PAÍS E SUAS MEDIDAS PELA PRESERVAÇÃO DA AMAZÔNIA.

Isso aconteceu porque os músicos anunciaram parceria com a Neste, petrolífera finlandesa que desmatou pelo menos 24.710 acres de floresta em países como Indonésia e Malásia para adquirir óleo de palma entre 2019 e 2020, segundo pesquisa da Federação Amigos da Terra Internacional. O objetivo dessa união era justamente reduzir as emissões de carbono das turnês pela metade.

Para Carlos Calvo Ambel, diretor sênior do grupo de campanha Transporte e Meio Ambiente (T&E), a empresa usava a banda de maneira cínica para fazer greenwashing: "Esta é uma empresa ligada ao tipo de desmatamento que chocaria Chris Martin e seus fãs. Não é tarde demais, eles devem abandonar a parceria com a Neste agora e se concentrar em soluções realmente ecológicas".

Claro, o Coldplay se defendeu e citou como a empresa não iria ferir o meio ambiente nesse processo. "Quando anunciamos essa turnê, dissemos que tentaríamos o nosso melhor para torná-la o mais sustentável e com baixo impacto de carbono possível, mas que seria um trabalho em andamento. Isso continua sendo verdade. Não afirmamos que tudo está bem", afirmou.

"Antes de nomearmos a Neste como fornecedora desses produtos de biocombustíveis, recebemos a garantia de que eles não usam nenhum material virgem em sua produção – principalmente óleo de palma. Ainda é de nosso entendimento que eles usam apenas resíduos renováveis, como óleo de cozinha e subprodutos da fabricação de celulose".

Ao *The Guardian*, a Neste se pronunciou por meio da porta-voz Hanna Leijala. Ela explicou como a empresa "não aceita nenhuma violação de sustentabilidade em nossas próprias operações. Para nossa parceria com o Coldplay, o óleo de palma convencional não foi usado como matéria-prima. A Neste planeja reduzir a participação de óleo de palma convencional para zero por cento de seus insumos globais de matéria-prima renovável até o final de 2023."

"OS ESTADOS QUE VOCÊS REPRESENTAM TÊM UMA GRANDE OPORTUNIDADE DE FAZEREM HISTÓRIA NO COMBATE ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS," ESCREVEU A BANDA NAS REDES SOCIAIS. "VOCÊS VÃO SE JUNTAR A NÓS NO #GLOBALCITIZENLIVE COM COMPROMISSO DE CONSERVAÇÃO E ADAPTAÇÃO?"

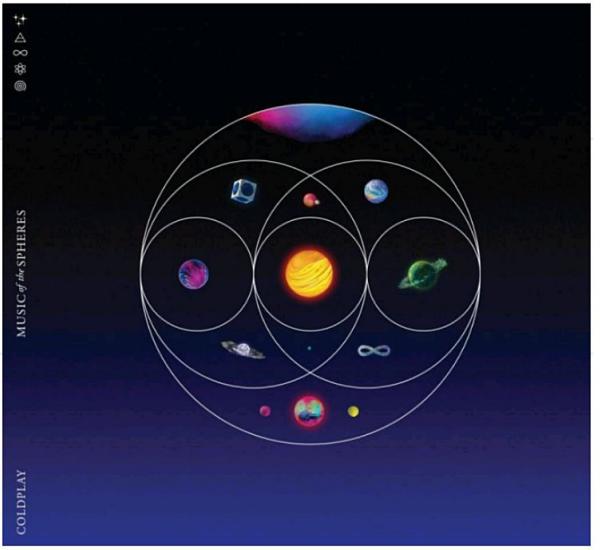
o som dos planetas, dos satélites e das nebulosas

BRASIL REVISTAS

POR **PAMELA MALVA**

EM UM SISTEMA PLANETÁRIO DISTANTE E MISTERIOSO, O VÁCUO PRODUZIDO PELO ESPAÇO SIDERAL É PREENCHIDO PELAS FAIXAS DO NONO DISCO DO COLDPLAY. MOVIMENTO REBELDE DE UM ARTISTA FICTÍCIO, ESTES SÃO OS BASTIDORES DAS FAIXAS DE *MUSIC OF THE SPHERES*

CRÉDITO: ALDEBARAN-S/UNSPLASH



BRASIL REVISTAS

"Eu gostaria de construir um sistema solar." Foi assim que Chris Martin introduziu a ideia por trás de *Music of the Spheres* para os demais integrantes do Coldplay. Lançado em outubro de 2021, o nono disco de estúdio da banda britânica é um projeto conceitual, inspirado no universo de *Star Wars* — e na especulação de como seria a arte de um músico da franquia.

Produzido por Max Martin, *Music of the Spheres* toma forma em um sistema planetário fictício, o The Spheres, composto por 13 corpos celestes (entre planetas, satélites, uma estrela e uma nebulosa), todos ocupados por uma população alienígena diferente. Na narrativa, a música é banida do sistema e, através da mensagem de que "todos somos aliens em algum lugar", o fictício DJ Lafrique tenta desafiar a proibição com uma rádio alienígena.

Ilustrados por Pilar Zeta, que também colaborou nos discos *Everyday Life* (2019) e *A Head Full of Dreams* (2015), cada um dos corpos celestes do sistema representa uma das faixas do álbum — com exceção do misterioso planeta Aurora. Também inspirado no universo criado pelo Coldplay para o álbum *Mylo Xyloto*, de 2011, o projeto conta com grandes parcerias.

CRÉDITO: REPRODUÇÃO/PILARZETA.COM/INSTAGRAM

1. music of the spheres

Uma introdução do disco, a faixa-título tem apenas 53 segundos de duração e parece transportar o ouvinte para o universo do projeto, em uma viagem intergaláctica , que vai inspirar o álbum como um todo. Escrita por Guy Berryman, Jonny Buckland, Will Champion, Chris Martin, Max Martin e Bill Rahko, a faixa representa o satélite Neon Moon I, um "resort de feriado".

2. higher power

Com 3 minutos e 26 segundos de duração, é a primeira parada da viagem pelo universo, em Kaotica, o planeta do lixo. Lançada como primeiro single do projeto, a composição surgiu na mente de Chris Martin enquanto ele batucava na pia de seu banheiro. Produzida por Max Martin, a faixa, para a banda, pode ser "o que o mundo precisa, conforme emergimos de estar trancados por tanto tempo" - uma referência para lá de direta à pandemia.

3. human-kind

Outro dos singles lançados antes do disco, a versão ao vivo da faixa teve seus royalties doados para Earth-Percent, projeto que apoia organizações que combatem a crise climática - um tema comum a Chris Martin e ao grupo, como um todo. Representando Echo, o planeta da dualidade, a canção foi composta por Berryman, Buckland, Champion, C. Martin, M. Martin, F. Vindver, Daniel Green, Jon Hopkins, Holter e Stephen Fry.

BRASIL REVISTAS

4. alien choir

Criada para "evitar espaço morto no disco", o curto seguimento preenche seus 53 segundos com uma melodia harmônica. Faixa do planeta Kubik, o surreal, a composição produzida por M. Martin, Rahko e Hopkins realmente remete a um coro de vozes alienígenas. Para Will Champion, a música seria "um dos grandes momentos do disco."

5. let somebody go

FEAT **SELENA GOMEZ**

Primeira parceria do disco, a faixa de 4 minutos foi composta por Chris Martin e Selena Gomez, além de Berryman, Buckland, Champion, Apple Martin, M. Martin, Holter e B. Rahko — sendo que o vocalista da banda entregou a balada quase pronta para os produtores. Representando o planeta da água, Calypso, foi o terceiro single lançado pelo projeto.

6. human heart

FEAT **WE ARE KING** E **JACOB COLLIER**

Com uma letra densa e sem muito instrumental, a faixa foi classificada pela banda como "incomum e interessante" e traz um coro melógico entre Chris Martin, We Are King e Jacob Collier. Música de Supersolis, a estrela principal do sistema, a composição de Berryman, Buckland, C. Martin, M. Martin, Jacob Collier, Paris Strother e Amber Strother era um pouco mais curta no início, mas acabou se tornando uma faixa completa graças a Will Champion.

7. people of the pride

Em uma estética completamente diferente da anterior, a composição de Ultra, o planeta das tempestades, nasceu de uma música nunca terminada pela banda. Um glam rock composto em parceria com Derek Dixie, Samuel Falson e Jesse Rogg, a faixa traz um riff único, e conta com uma letra complexa, que discute como a política humana é inspirada pelo orgulho e pela sede de poder.

8. biutyful

Representante de Floris, o planeta das plantas, a faixa lançada como um single promocional conta com um tom bastante lúdico. Composta por vocais "processados e incomuns" que deveriam parecer com o cantar de um alien, segundo o Coldplay, a faixa foi inicialmente considerada para o celebrado disco *Everyday Life*, de 2019, mas teria acabado combinando melhor dentro da estrutura e da setlist do nono álbum.

9. music of the spheres II

O mais curto interlúdio do projeto, a composição produzida por M. Martin e Rahko, traz a mesma mensagem das outras duas introduções: "Senhoras e senhores, bem-vindos ao *Music of the Spheres*. Lembrem-se, todo mundo é um alien em algum lugar". Em uma espécie de código, a letra conta com uma das mensagens que resumem a filosofia do álbum — assim como a frase "somos todos um só no universo".

BRASIL REVISTAS

10. my universe

FEAT **BTS**

Quase uma sequência da faixa anterior, com elementos tecnológicos ao fundo, este é um dos maiores sucessos do disco e representa Epiphane, o planeta efervescente. Segundo single lançado pelo projeto, o hit estreou no primeiro lugar da Billboard Hot 100 e, entoada em inglês e coreano, marca o desejo da banda em explorar diferentes gêneros musicais, além de parcerias inéditas, como com o maior grupo de k-pop do mundo, o BTS.

11. infinity sign

Ambientada na Estação Infinita, o planeta robô no universo do disco, a faixa não parece, mas conta com uma letra quase imperceptível, que se repete em ciclos. Escrita por Berryman, Buckland, Champion, C. Martin, M. Martin e J. Hopkins, a composição traz os dizeres "Espírito Santo/ Ritos de Areia/ Sagrado" em latim — em um coro que toma conta de toda a parcela final da música.

12. coloratura

Faixa de encerramento do disco, a composição da nebulosa Coloratura é a mais longa na história do Coldplay, com 10 minutos de duração. "Essa faixa é um quebra-cabeça montado com muito cuidado. Uma jornada coerente do começo ao fim", afirmou a banda. Uma viagem por si só, a canção produzida por Max Martin e Oscar Holter traz elementos do rock progressivo no fim de uma narrativa espacial - que é marca deste disco.

é o fim?

POR FELIPE GRUTTER

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: GETTY IMAGES

LOTANDO ESTÁDIOS PELO MUNDO, LANÇANDO MÚSICAS QUE SE DESTACAM NAS PARADAS DE DIVERSOS PAÍSES, É MUITO DIFÍCIL IMAGINAR O FIM DO COLDPLAY E CADA INTEGRANTE SEGUINDO UMA CARREIRA SOLO. EM DIVERSAS OCASIÕES E ENTREVISTAS NOS ÚLTIMOS ANOS, OS MÚSICOS JÁ FALARAM SOBRE UMA ESPÉCIE DE FIM DO ICÔNICO GRUPO, MAS NÃO COMO SE PENSA.

Isso porque eles planejam seguir com shows por bastante tempo ainda, mas existe algo que deve acabar relativamente em breve: lançamentos de músicas e discos inéditos. Vale destacar como o vocalista Chris Martin chegou a discutir o assunto e revelou como a banda já definiu um limite de álbuns de estúdio.

Porém, mesmo com a vontade de fazer shows mesmo após lançar o último álbum e última canção inédita, ainda existe a possibilidade de Coldplay, que tem 27 anos de existência, abandonar os palcos. Muitas bandas realizam turnês de despedida para marcar o fim da carreira, como Kiss e Skank - algumas delas, é verdade, parecem quase uma nova carreira, parte 2 -, mas isso não está nos planos do Coldplay.

Antes de qualquer coisa, vale regressar um pouco à trajetória do Coldplay de 1996 até hoje. Formado por Chris Martin (vocal), Jonny Buckland (guitarra), Guy Berryman (baixo) e Will Champion (bateria), a banda surgiu na University College London (UCL) como ideia de Martin e Buckland, mas originalmente levava o nome de Pectoralz, que depois contou com adição de Berryman.

Um ano depois, os músicos mudaram o nome do grupo para Starfish, fazendo shows com ajuda de Phil Harvey, considerado como quinto integrante. Por fim, eles tiveram adição de Champion para assumir a bateria. Finalmente, eles decidiram colocar o nome Coldplay após sugestão de Tim Crompton, estudante da UCL, que tinha uma banda que levava o mesmo nome.

Três anos após a criação, os músicos lançaram o primeiro EP, intitulado *The Blue Room*, em 1999. O primeiro disco de estúdio da carreira deles, *Parachutes*, chegaria um ano depois e teria diversos marcos interessantes, como vitória no Grammy 2002 de Melhor Álbum de Música Alternativa, Melhor Álbum Britânico no Brit Awards 2001 e ainda está em 12º lugar na lista dos 20 álbuns mais vendidos do século XXI no Reino Unido.

Nos anos seguintes, Coldplay lançaria mais outros oito discos: *A Rush of Blood to the Head* (2002), *X&Y* (2005), *Viva la Vida or Death and All His Friends* (2008), *Mylo Xyloto* (2011), *Ghost Stories* (2014), *A Head Full of Dreams* (2015), *Everyday Life* (2019) e *Music of the Spheres* (2021). Agora, a banda deve lançar mais três álbuns para dar adeus aos estúdios.

Durante entrevista concedida ao *NME* em outubro de 2021, Chris Martin explicou o motivo da escolha do grupo em impor um limite de discos. "Vamos fazer 12 álbuns. Porque é muito esforço para fazer tudo isso. Eu amo isso e é incrível, mas é muito intenso também. Sinto que, porque sei que o desafio é finito, fazer essa música não parece difícil. É como: 'Isso é o que deveríamos estar fazendo'", afirmou o cantor.

Surpreso com a revelação, o entrevistador Thomas Smith perguntou se Coldplay iria aca-

BRASIL REVISTAS

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: RYAN PIERSE/GETTY IMAGES

bar após cumprir esse prazo, mas o vocalista deu uma resposta que tranquilizou todo e qualquer fã da banda: "Não creio que seja isso o que faremos. Sei que é isso que faremos em termos de álbuns de estúdio".

Cerca de dois meses depois dessa declaração, o cantor falou com Jo Whiley, âncora da emissora *BBC Radio 2*, e explicou como não deve lançar singles a partir de 2025, que pode ser o ano do 12º disco de estúdio. Porém, isso pode não se concretizar, porque Coldplay teria que lançar um disco por ano, em 2023, 2024 e 2025, além de estar em turnês intensas.

"Nosso último álbum sairá em 2025 e, depois disso, acho que só faremos turnês", disse. "Talvez a gente faça algumas colaborações [com outros artistas], mas o catálogo do Coldplay, por assim dizer, termina [em 2025]". Ao longo dos 27 anos de carreira, o grupo realizou oito turnês, número que deve crescer ainda mais ao longo dos anos, mesmo com a saída dos estúdios de gravação.

A primeira turnê, *Parachutes Tour*, aconteceu entre 2000 e 2001 e celebrava o lançamento do primeiro disco deles. Na seguinte, A *Rush of Blood to the Head Tour* (2002–2003), o grupo veio pela primeira vez ao Brasil em duas datas, em São Paulo e Rio de Janeiro. Nas outras seis, os britânicos só não vieram ao país na *Ghost Stories Tour*, que passou por apenas seis países, como Alemanha, Japão, Estados Unidos, França, Austrália e Inglaterra.

O Brasil sempre foi um país de destaque para o Coldplay, tanto que foi onde aconteceu a abertura da turnê *Mylo Xyloto Tour* (2011-2012) e sempre lotou os locais onde as apresentações aconteceram. Inclusive, na mais recente turnê, *Music of the Spheres World Tour* (2022-2023), o grupo fez 11 shows no Brasil: seis em São Paulo, três no Rio de Janeiro e dois em Curitiba.

COM UMA CARREIRA BRILHANTE DE QUASE 30 ANOS, COM UMA LEGIÃO DE FÃS PELO MUNDO, COLDPLAY SEMPRE MOSTRA FORÇA CADA VEZ MAIS, MESMO SEM LANÇAR MAIS HITS QUE MARCAVAM COMO "PARASIDE", "YELLOW", "VIVA LA VIDA" E "SOMETHING JUST LIKE THIS". MESMO LONGE DOS ESTÚDIOS, O LENDÁRIO GRUPO BRITÂNICO DE ROCK ALTERNATIVO SEGUIRÁ MARCANDO ÉPOCA E GERAÇÕES POR ONDE PASSAR.

RollingStone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
JAY PENSKE, **CHAIRMAN AND CEO**
GEORGE GROBAR, **CHIEF OPERATING OFFICER**
DEBASHISH GHOSH, **MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS**
GURJEET CHIMA, **ASSOCIATE VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS**
FRANCESCA LAWRENCE, **ASSOCIATE DIRECTOR, INTERNATIONAL BRAND & PARTNERSHIP OPERATIONS**

ROLLING STONE USA

GUS WENNER, **PRESIDENT AND CHIEF OPERATING OFFICER**
NOAH SHACHTMAN, **EDITOR IN CHIEF**
SEAN WOODS, **EXECUTIVE EDITOR**
LISA TOZZI, **DIGITAL DIRECTOR**
JOSEPH HUTCHINSON, **CREATIVE DIRECTOR**
CATRIONA NI AOLAIN, **DIRECTOR OF CREATIVE CONTENT**

JANN S. WENNER, **FOUNDER AND EDITORIAL DIRECTOR**

ROLLING STONE BRASIL

LUIS FERNANDO MALUF, **PUBLISHER**

ADEMIR CORREA, **DIRETOR DE CONTEÚDO**
EDUARDO DO VALLE, **EDITOR**
FELIPE FIUZA, **DIRETOR DE ARTE**
DIMITRIUS VLAHOS, FELIPE GRUTTER, FERNANDA DECARIS, PAMELA MALVA, EMANUELA LEMES, **REDAÇÃO**
MARIANA ARRUDAS, RODRIGO SALEM, PATRICK DOYLE, **COLABORADORES**
MÁRCIO MAFFEI, **DIRETOR COMERCIAL**
WILLIAN HAGOPIAN, **DIRETOR DE PUBLICIDADE**
CONCEIÇÃO AUGUSTO, FRANCISCO NETTO E WAGNER SANTOS, **EXECUTIVOS DE CONTAS**

SPRING

Copyright © 2023 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: CAROLINE HECKE/LIVE NATION BRASIL

Rolling Stone
BRASIL
MARÇO | 2023

BRASIL REVISTAS

CRÉDITO: EDUARDO MARTINS/AGNEWS